

6.4. OS SISTEMAS AGRÁRIOS LOCAIS: PRODUÇÃO, TERRITÓRIO E FAMÍLIA

A apresentação dos resultados da pesquisa que incidiu nas cinco explorações agrícolas atrás brevemente descritas vai, por comodidade, utilizar uma simbologia que identifique simultaneamente a exploração e o ano agrícola de referência. Deste modo ir-se-á atribuir a seguinte simbologia:

Quadro 6-4
EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS ESTUDADAS
E ANOS AGRÍCOLAS DE REFERÊNCIA

SUB-REGIÃO	ORIENTAÇÃO TÉCNICO- ECONÓMICA	ANOS	
		1989/90	1990/91
Serra	pecuária e cereais	A 1	A 2
Beira-Serra	pomar de sequeiro e de regadio	B 1	B 2
Barrocal	pomar trad. de sequeiro	C 1	C 2
Litoral	horticultura forçada	D 1	D 2
Litoral	pomar de citrinos	E 1	E 2

Para os dois anos em que foram realizadas as observações económicas nestas explorações agrícolas, determinaram-se dois indicadores de estrutura: a superfície agrícola utilizada e o trabalho comprometido (quadro 6-5).

A metodologia seguida para a determinação deste último valor foi já referida, bastando sublinhar que as horas de trabalho realizadas por elementos não adultos foram valorizadas em 75% de trabalho adulto. A superfície utilizada resultou de acertos entre a superfície cadastral, a opinião do agricultor e, nalguns casos, a medição *in loco* da parcela de terra. Apenas na exploração da Serra (A), o método atrás descrito foi complementado, no caso da superfície cerealífera, com os quantitativos de semente distribuídos normalmente por unidade de superfície.

Quadro 6-5
SUPERFÍCIE AGRÍCOLA UTILIZADA (SAU) E TRABALHO UTILIZADO (UHT) NAS EXPLORAÇÕES ESTUDADAS

EXPLORAÇÃO	SUPERFÍCIE AGRÍCOLA UTILIZADA (SAU)(ha)	TRABALHO UTILIZADO		
		TOTAL (UHT)	FAMILIAR (%)	ASSALARIADO (%)
A1	15.52	2.9	100.0	-
A2	15.52	2.6	100.0	-
B1	5.28	1.0	100.0	-
B2	5.26	1.0	100.0	-
C1	45.51	1.1	63.6	36.4
C2	45.51	1.0	90.0	10.0
D1	1.95	4.6	43.5	56.5
D2	2.10	4.8	43.8	56.2
E1	4.10	0.8	62.5	37.5
E2	4.10	1.0	60.0	40.0

Fonte: recolha própria

6.4.1. O BALANÇO DA PRODUÇÃO

A abordagem da conta de produção (Fig. 6-2 e Fig. 6-5) vai incidir na análise da Produção Bruta, do Consumo Intermédio, do Valor Acrescentado e de alguns rácios relacionados com este saldo.

As expressões fundamentais que definem esta abordagem são:

$$\text{VAB} = \text{PB} - \text{CI}$$

ou

$$\text{VAB} = \text{PF} - \text{Cie}$$

6.4.1.1 A estrutura do Consumo Intermédio

O consumo intermédio das explorações do Litoral é totalmente adquirido no mercado (explorações D1, D2, E1 e E2). As restantes explorações produzem parte substancial do seu próprio Consumo Intermédio (Fig. 6-6).

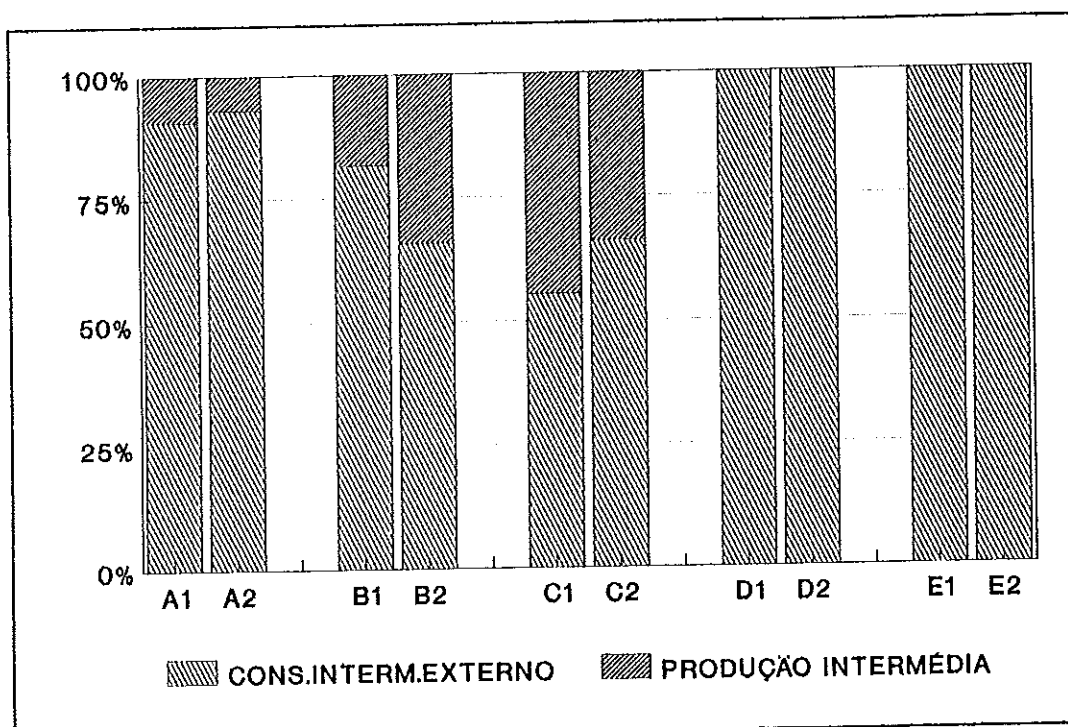
Figura 6-5
ESTRUTURA DA CONTA DE PRODUÇÃO

EMPREGOS			SALDO	RECURSOS		
	PRODUÇÃO INTERMÉDIA	CONSUMO			PRODUÇÃO INTERMÉDIA	
EXISTÊNCIAS INICIAIS	CONSUMO INTERMÉDIO	INTERMÉDIO		PRODUÇÃO		AUTO-CONSUMO
AQUISIÇÕES	EXTERNO				PRODUÇÃO	VENDAS
			VALOR			EXISTÊNCIAS FINAIS
			AGRESCEN- TADO		FINAL	OFERTAS
			BRUTO	BRUTA		INVEST. POR CONTA PRÓPRIA
						OUTRAS PRODUÇÕES FINAIS

Os valores da Produção Intermédia nas explorações do interior do Algarve são significativos: representam entre 5 e 10% do respectivo Consumo Intermédio para a exploração da Serra (A), percentagem essa que sobe para valores compreendidos entre 18 e 44 % para as explorações da Beira-Serra e do Barrocal (respectivamente, B e C).

A Produção Intermédia das explorações da Serra pode parecer, paradoxalmente, pequena. Parte interessante do Consumo Intermédio provém efectivamente da própria produção, mas de anos anteriores. Encontram-se neste caso os cereais (grão e palha) e o gado para venda, que transita de um ano para o outro. Assim sendo, e analisando a sequência produtiva num período consecutivo superior a um ano, conclui-se que estas explorações serrenhas têm um elevado grau de autonomia e de integração produtiva.

Figura 6-6
 ESTRUTURA DO CONSUMO INTERMÉDIO
 NAS EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS ESTUDADAS



Fonte: recolha própria

Atente-se a este propósito ao Quadro 6-6. A última coluna regista a percentagem do Consumo Intermédio que é produzido na exploração, no ano em curso ou em anos anteriores. De acordo com esta perspectiva, a exploração da Serra (A) produz cerca de 60% do que consome. As explorações da Beira-Serra (B) e do Barrocal (C) oscilam entre 23 e 48%, enquanto que no Litoral (D e E) esse valor continua a ser, obviamente, nulo.

Sem entrar em grandes especificações poder-se-á, porém, analisar a estrutura do consumo intermédio de acordo com as diferentes categorias em que se subdivide. O Quadro 6-7 dá-nos um resumo, com algum pormenor, dessa distribuição.

Assinale-se a importância da "energia" que, com excepção da exploração da Serra (A), atinge valores elevados. O custo da "energia" na exploração da Beira-Serra (B) chega, num dos anos, a ultrapassar 38% do consumo intermédio total.

Quadro 6-6
ESTRUTURA DO CONSUMO INTERMÉDIO DAS EXPLORAÇÕES
ESTUDADAS, DE ACORDO COM A SUA ORIGEM (%)

EXPLORAÇÃO	CONSUMO INTERMÉDIO EXTERNO (Cie)		PRODUÇÃO INTERMÉDIA	CONS. INTERM. C/ ORIGEM NA PROD. PRÓPRIA
	PRODUZIDO	ADQUIRIDO		
A1	50.2	40.7	9.1	59.3
A2	54.5	38.8	6.7	61.2
B1	5.0	76.7	18.3	23.3
B2	3.6	62.2	34.2	37.8
C1	3.7	51.7	44.6	48.3
C2	3.5	62.5	34.0	37.5
D1	-	100.0	-	-
D2	-	100.0	-	-
E1	-	100.0	-	-
E2	-	100.0	-	-

Fonte: recolha própria

Quadro 6-7
ESTRUTURA DO CONSUMO INTERMÉDIO (%)
DAS EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS ESTUDADAS

CONSUMO INTERMÉDIO	EXPLORAÇÕES									
	A1	A2	B1	B2	C1	C2	D1	D2	E1	E2
1. Matérias primas										
Sementes e plantas	17.6	9.7	7.2	5.8	4.5	4.4	5.5	3.7	-	0.8
Energia e lubrificantes	1.8	2.3	38.2	30.1	19.6	19.2	8.9	11.6	17.8	15.3
Aubos e correctivos	5.4	5.4	17.0	13.5	4.9	11.3	14.9	11.2	13.6	8.0
Produtos fitossanitários	-	-	5.3	3.4	2.8	3.4	9.7	8.4	11.1	8.0
Alimentos para animais	14.5	16.7	-	-	24.3	14.9	-	-	-	-
Outras matérias primas	9.1	7.6	21.7	37.2	38.1	57.9	42.1	50.5	10.8	16.0
2. Gado para engorda	42.4	46.7	-	-	2.1	2.1	-	-	-	-
3. Serviços	9.2	11.6	10.6	10.0	3.7	2.6	18.9	14.6	46.7	51.9
4. Total	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0

Fonte: recolha própria

Na exploração da Serra (A) predominam os encargos relacionados com o gado para venda; na exploração do Litoral-citrinos (E) são os serviços de comercialização que sobrecarregam o consumo intermédio. A categoria de "outras matérias primas" tem uma grande expressão na unidade do Litoral-horticultura (D), devido ao peso dos materiais necessários para a construção, reapetrechamento e reparação das estufas.

6.4.1.2 A estrutura da Produção Bruta

A Produção Bruta mantém uma estrutura mais constante. Nas explorações do Litoral (D e E), onde a Produção Intermédia é nula, a Produção Bruta identifica-se com a Produção Final (Quadro 6-8). Nas explorações da Beira-Serra (B) e da Serra (A), a Produção Intermédia não chega a atingir 10% da Produção Bruta e na exploração do Barrocal (C) aquele valor situou-se, nos anos de observação, entre 11 e 14%. Este aparente empolamento, na exploração do Barrocal (C), deve-se à forte valorização que é atribuída à produção de uvas para vinho, principal componente da respectiva Produção Intermédia, o que se justifica devido ao prestígio e fama que são atributos do vinho local.

Quadro 6-8
ESTRUTURA DA PRODUÇÃO BRUTA NAS
EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS ESTUDADAS

EXPLORAÇÕES	PRODUÇÃO BRUTA		
	TOTAL (escudos)	PRODUÇÃO INTERMÉDIA (%)	PRODUÇÃO FINAL (%)
A1	3 458 848	6.8	93.2
A2	3 555 795	4.7	95.3
B1	1 200 870	3.2	96.8
B2	1 485 506	7.2	92.8
C1	1 845 873	11.8	88.2
C2	1 215 677	13.6	86.4
D1	12 290 765	-	100.0
D2	10 618 534	-	100.0
E1	4 158 091	-	100.0
E2	6 689 234	-	100.0

Fonte: recolha própria

A Produção Final aparece, pelo contrário, bastante fragmentada nos seus diversos componentes (Fig. 6-7). Podem, contudo, realçar-se três aspectos importantes:

a) A importância do autoconsumo nas explorações do interior, com especial relevo para a exploração do Barrocal (C), onde atingiu, no segundo ano de referência (C2), o valor de 46.3 % da Produção Final;

b) O peso das existências finais, também nas explorações do interior. Esse valor corresponde, nas explorações do Barrocal (C) e da Beira-Serra (B), principalmente a frutos secos armazenados na expectativa de melhores oportunidades de mercado, enquanto que na Serra (A) se refere ao gado para venda (sobretudo ovino e bovino) e aos cereais (grão e palha) armazenados;

c) O Investimento por Conta Própria aparece com realce nas explorações do Litoral-Horticultura (D) e da Beira-Serra (B). No primeiro caso, traduz a actividade desenvolvida na reconstrução e manutenção das estufas, onde se gasta muito tempo e se aplica um enorme volume de materiais. O segundo caso, na Beira-Serra, tem a ver com a manutenção dos pomares regados de frutos frescos (pêssegos, ameixas, nêspas e damascos).

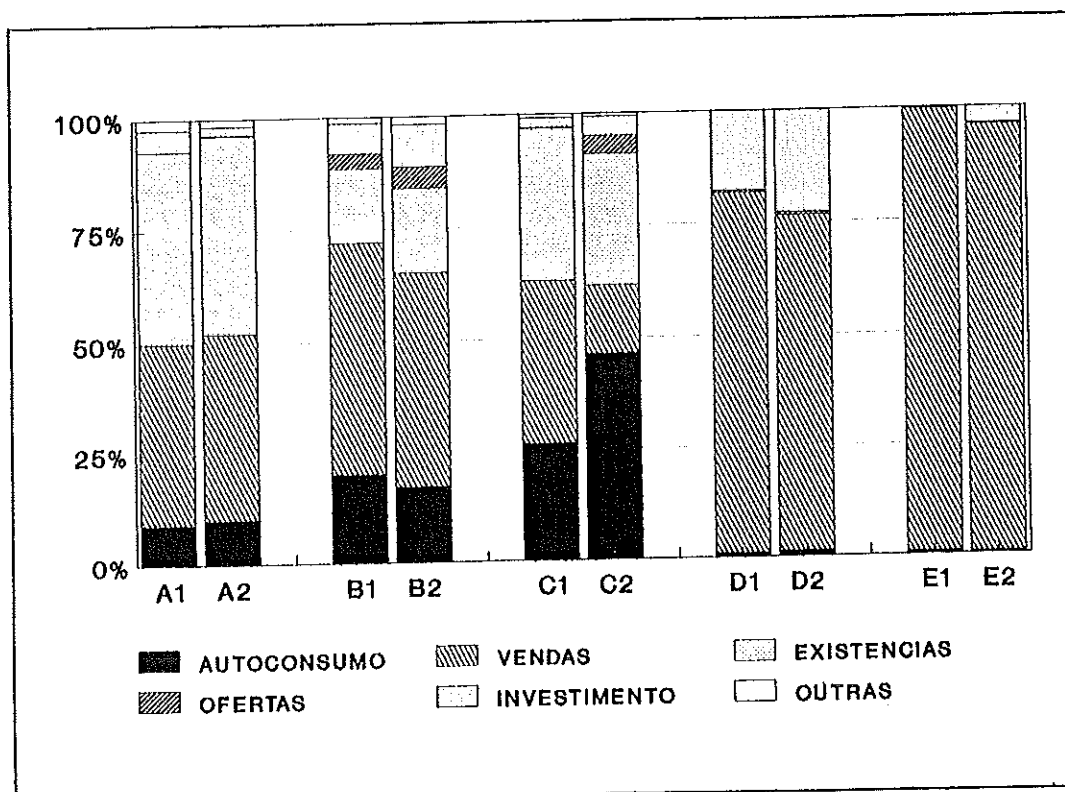
Pode determinar-se a produtividade do Consumo Intermédio, através do quociente entre a Produção e aquele valor. Esta relação indica-nos quantas unidades foram produzidas por cada unidade consumida. O Quadro 6-9 contém o resultado desses quocientes, apresentados para os valores da produção bruta/consumo intermédio e da produção final/consumo intermédio externo. Este último indicador permite comparar as explorações estudadas de Loulé com diferentes sistemas europeus (Hulot & Loyat, 1990).

A comparação dos valores permite esboçar alguns comentários recorrendo ao indicador PF/Cle.

Em primeiro lugar, veja-se a elevada produtividade do consumo intermédio da exploração da Beira-Serra (C). Por cada unidade monetária consumida (com origem exterior ao ciclo produtivo) gera 6.7 unidades de Produção Final. Exemplo que se aproxima da chamada agricultura biológica, sem grande intervenção do exterior, já que mais de metade do

valor das matérias primas adquiridas e consumidas diz respeito à energia, em especial à electricidade.

Figura 6-7
ESTRUTURA DA PRODUÇÃO FINAL
NAS EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS ESTUDADAS



Fonte: recolha própria

A exploração do Litoral-Horticultura (D) aproxima-se da média comunitária, embora fique aquém da horticultura italiana e das explorações do Norte de Portugal.

Refira-se, a propósito, que os valores referentes aos padrões das várias agriculturas europeias se baseiam nas informações da RICA para o ano de 1986/87. Como se sabe, as explorações associadas na RICA têm uma estrutura "modernizada" e orientam as respectivas produções quase totalmente para o mercado, o que poderá comprometer as comparações que ensaiamos. Além disso, referem-se a valores de 1986/87. A subida de preços, entretanto verificada, afectando com maior incidência os factores de produção, deverá ter levado a produtividades

dos consumos intermédios mais baixas.

Quadro 6-9
PRODUTIVIDADE DO CONSUMO INTERMÉDIO
 (PRODUÇÃO / CONSUMO INTERMÉDIO)

EXPLORAÇÕES DE LOULÉ	PB/CI	PF/CIe
A1	1.3	1.4
A2	1.4	1.5
B1	5.7	6.7
B2	4.8	6.7
C1	3.8	6.0
C2	2.5	3.3
D1	2.2	2.2
D2	2.1	2.1
E1	3.3	3.3
E2	3.7	3.7

Fonte: recolha própria

EXPLORAÇÕES PADRÃO DA C.E.E.	PF/CIe
média CEE	2.0
horticultura italiana	3.2
explorações valencianas	2.5
pecuária - Norte de Espanha	2.2
pecuária grega	2.7
explorações do Norte de Portugal	3.2
prod. vegetal - Itália do Sul	3.4

Fonte: Hulot & Loyat, 1990

Voltando à comparação, ressalta ainda o caso da exploração da Serra (A), com valores inferiores à média. Recorde-se que a orientação técnico-económica desta exploração é a pecuária. Localizada em terrenos com magras pastagens, escassas no período de maior carência, que é o Verão, a exploração consome enormes quantidades de alimentos concentrados para animais. Este encargo atinge quase metade do valor total das aquisições de matérias primas, o que antecipa uma nota de alguma ineficácia económica da exploração, tal como veremos mais adiante.

A exploração do Barrocal (C) aparece com uma variação notável deste indicador. No segundo ano regista um valor que é metade daquele que tinha sido atingido no primeiro ano. Esta perturbação reflecte o

carácter aleatório da produção de frutos secos, com bons anos seguidos de maus anos, a que se associam as safras e contra-safras do olival. À semelhança da exploração da Beira-Serra, aparece no entanto, no primeiro ano (C1), com bons resultados no que respeita a este indicador. Utiliza poucos factores, pelo que a sua produção resultou, nesse ano, numa multiplicação por seis do valor do Consumo Intermédio externo.

A exploração do Litoral-citrinos (E) aparece bem colocada, com valores acima das explorações valencianas e de Murcia, o que dá indicações positivas sobre a produtividade do pomar de citrinos algarvio, para os anos agrícolas em análise.

Para o conjunto da agricultura portuguesa, este indicador situou-se, ao longo do decénio de 80, em redor de 2.5, registando apenas um pequeno intervalo de variação (INE, 1993).

6.4.1.3 O Valor Acrescentado Bruto

O Valor Acrescentado Bruto (VAB), a preços de mercado, aparece com valores globais muito diferenciados e dificilmente comparáveis dada a diversidade de estruturas e de orientações produtivas das cinco explorações. Varia desde quase sete mil contos (Litoral-citrinos, E) até pouco mais de setecentos contos, na exploração do Barrocal (C).

Quadro 6-10
INDICADORES DO VALOR ACRESCENTADO BRUTO

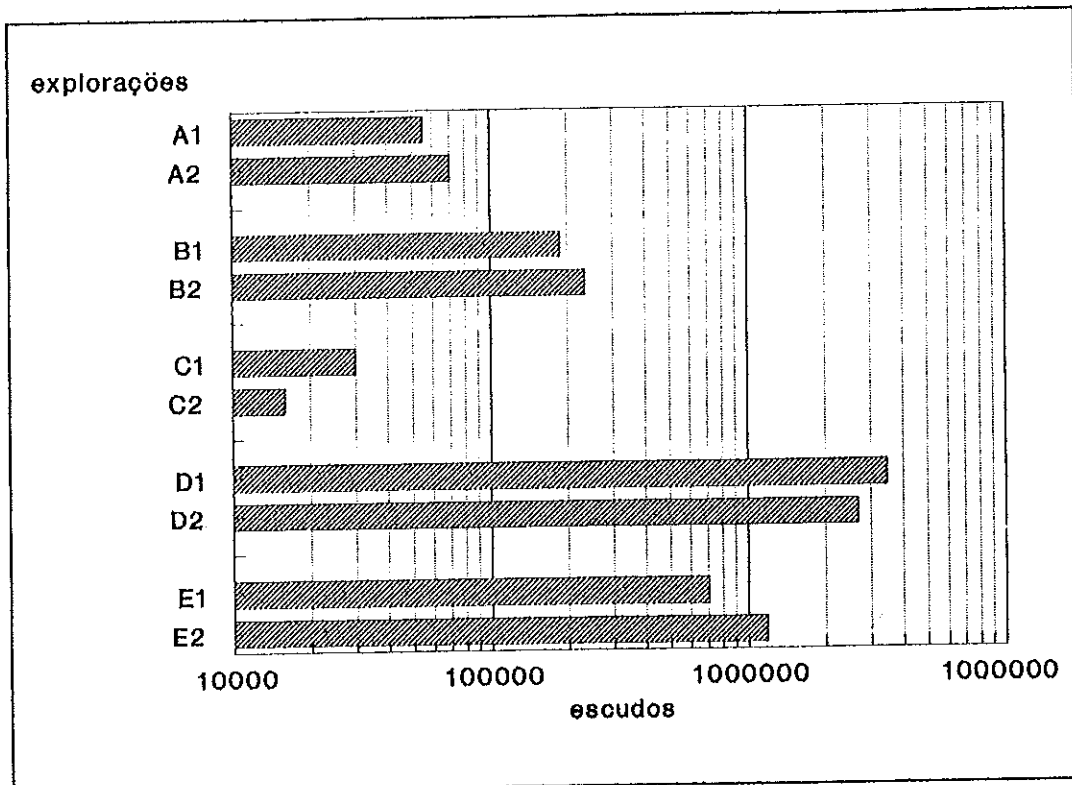
unidade: escudos

EXPLORAÇÕES	VAB / SAU	VAB / UHT	VAB / Ke
A1	55 033	294 540	0.256
A2	69 830	416 832	0.321
B1	187 941	988 570	0.870
B2	223 317	1 174 647	0.938
C1	29 832	1 234 215	0.705
C2	15 995	727 914	0.369
D1	3 460 671	1 467 024	0.773
D2	2 675 201	1 170 400	0.644
E1	702 357	3 599 578	1.229
E2	1 187 690	4 869 531	1.739

Fonte: recolha própria

O interessante é, porém, analisar alguns indicadores resultantes do VAB. É o que está recolhido no Quadro 6-10, onde se indica o VAB por unidade de superfície agrícola utilizada, por UHT e ainda por unidade de capital de exploração.

Figura 6-8
VALOR ACRESCENTADO BRUTO POR UNIDADE
DE SUPERFÍCIE AGRÍCOLA UTILIZADA



Fonte: recolha própria



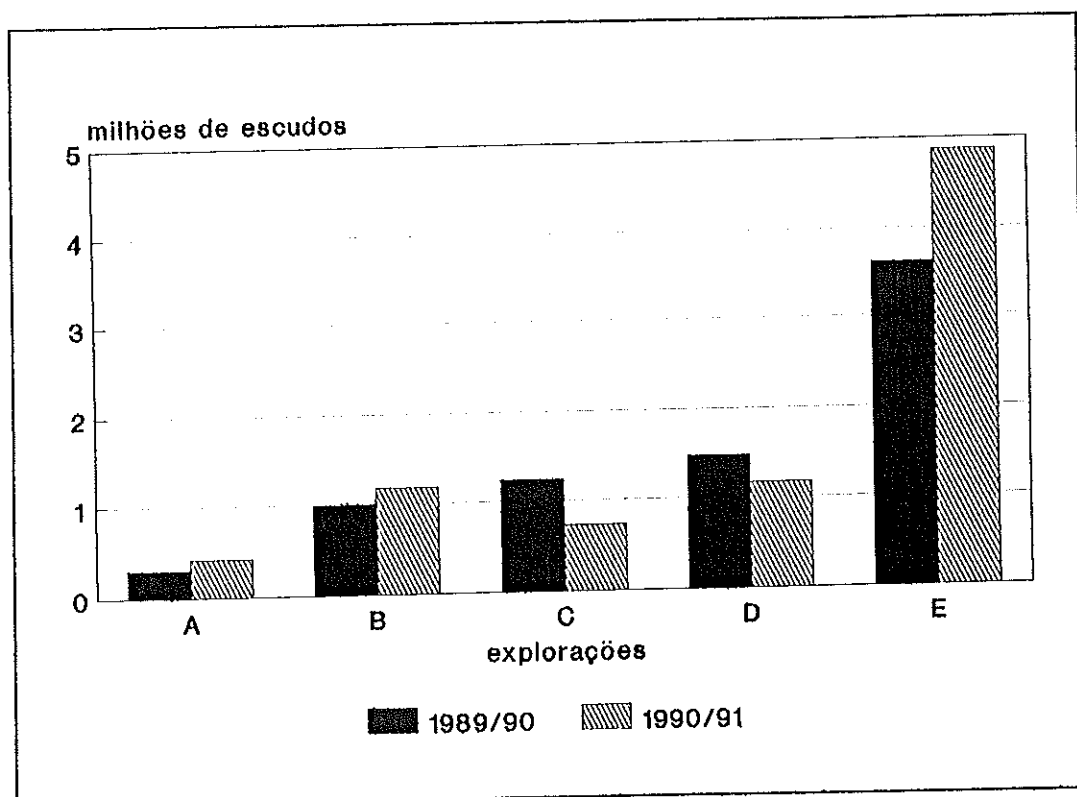
Os valores dos indicadores do VAB assumem sempre montantes mais elevados na exploração do Litoral-Horticultura (D), o que era esperado dado o padrão de intensificação, concentrado numa parcela pequena de terra.

Em último lugar, no que respeita ao VAB/SAU, aparece a exploração do Barrocal (C): a extensão relativa apreciável, a reduzida área de regadio (apenas a horta familiar é regada) e as pequenas produtividades físicas daqui resultantes são os responsáveis pelo baixo valor atingido por este indicador (Fig. 6-8). A exploração da Serra (A)

consegue resultados três vezes superiores aos da exploração do Barrocal (C).

A exploração do Litoral-citrinos (E) aparece a liderar a série de valores relativos ao indicador VAB/UHT. Como se referiu, esta exploração está estabilizada (grandes investimentos realizados em anos anteriores) e, embora exija uma intervenção frequente, ela é normalmente pouco demorada (poucas horas de trabalho por semana para a rega, reforçadas apenas na época da colheita) e uma manutenção não muito exigente. A exploração da Serra (A), onde predominam as tarefas relacionadas com a pecuária, obriga a uma actividade quotidiana intensa, o que faz baixar este rácio para os valores mínimos, referidos no Quadro 6-10. Repare-se que a exploração do Barrocal (C), que registava valores muito baixos para o VAB/SAU, assume, com este indicador, valores comparáveis aos das outras explorações, o que reflecte uma utilização não intensiva do trabalho disponível (Fig. 6-9).

Figura 6-9
VALOR ACRESCENTADO BRUTO POR UNIDADE
DE TRABALHO (UHT)



Fonte: recolha própria

O indicador VAB/Ke (Quadro 6-10) dá-nos o VAB gerado por unidade de Capital de Exploração (fixo e circulante). A série tem um comportamento sensivelmente igual à do VAB/UHT, com menores variações relativas. Como a retribuição do trabalho não é contabilizada nesta conta de produção, o coeficiente de variação deste indicador é ainda significativo.

6.4.1.4 A Taxa de Integração

Um aspecto interessante, explicitado pela estrutura da Produção Bruta, aponta para a determinação do grau de integração destas explorações. Este indicador isola a parcela da Produção Bruta que é consumida pela exploração ou pela família, no ano de referência ou em ano(s) posterior(es) (Quadro 6-11).

Quadro 6-11
ESTRUTURA DA PRODUÇÃO BRUTA CONSUMIDA
PELA EXPLORAÇÃO E PELA FAMÍLIA

unidade: escudos

EXPLO- RAÇÕES	PRODUÇÃO BRUTA CONSUMIDA PELA EXPLORAÇÃO E PELA FAMÍLIA				TAXA DE INTEGRAÇÃO (%) (2+3+4+5) / PB
	PRODUÇÃO INTERMÉDIA	AUTOCON- SUMO	EXISTÊNC. FINAIS PARA AUTOCON- SUMO	EXISTÊNC. FINAIS PARA CONSUMO INTERMÉDIO	
1	2	3	4	5	6
A1	236 734	292 223	65 960	334 828	26.9
A2	166 350	342 948	35 500	610 415	32.5
B1	38 888	231 460	8 535	-	23.2
B2	106 400	235 788	8 800	-	23.6
C1	217 920	427 353	-	-	35.0
C2	165 600	486 627	2 000	-	53.8
D1	-	98 744	-	-	0.8
D2	-	119 869	-	-	1.1
E1	-	21 810	-	-	0.5
E2	-	24 707	-	-	0.4

Fonte: recolha própria

A exploração do Barrocal (C) revela-se como a que mais produz para ela própria. Nos dois anos analisados, a taxa de integração situou-

se entre 35 e 54%, superando todos os indicadores das restantes explorações. No Litoral (D e E), a orientação mercantil dominante atira com a citada taxa para valores marginais, normalmente abaixo de 1 %. Produz-se praticamente tudo para vender. Na Serra e na Beira-Serra (A e B), os valores da taxa de integração oscilam num intervalo limitado por 20 e 35% da Produção Bruta.

Nas explorações do Litoral, nomeadamente naquela que tem uma orientação cultural hortícola (D), poder-se-ia acrescentar o valor do investimento por conta própria, admitindo que este montante representa uma parcela da Produção Bruta também retida na exploração. Neste caso, a taxa de integração atingiria valores próximos dos 20 %. Contudo, haverá que distinguir bem o sentido desta integração, vocacionada para o reforço do aparelho produtivo e não para o consumo.

6.4.2. O BALANÇO TERRITORIAL

Os sistemas agrários, no concelho de Loulé, definem-se, como vimos, em função da relativa homogeneidade das condições biofísicas que caracterizam as sub-regiões e do padrão de organização do conjunto das actividades produtivas.

Por um lado, as condições biofísicas do meio, com especial realce para a radiação solar (valores médios e distribuição anual), definem os limites da produção primária potencial. O homem, através da sua intervenção, procura alargar aqueles limites, muitas vezes com resultados económica e energeticamente discutíveis.

Por outro lado, o padrão de organização das unidades produtivas é condicionado pelo tecido económico e sócio-institucional envolvente. A própria estrutura familiar que serve de base ao funcionamento e à racionalidade da grande maioria destes sistemas é enformada pelo padrão sócio-cultural dominante, perturbada pelas solicitações e exigências exteriores.

A dinâmica dos sistemas agrários depende, pois, da permanente interacção entre aqueles elementos (ambiente e sociedade), num quadro sócio-institucional mais ou menos estabilizado. O seu funcionamento económico é definido por um conjunto de recursos endógenos e exógenos que mobiliza, e de um património acumulado que consome.

Iremos estudar os resultados económicos dos sistemas agrários, na perspectiva das respectivas unidades territoriais. Este procedimento obrigará, para além da quantificação dos fluxos ligados ao processo produtivo, ao estabelecimento do balanço do capital utilizado no mesmo ciclo produtivo.

Por outras palavras, vai-se identificar e valorizar os fluxos de bens e serviços, o quantitativo de trabalho empregue e o capital consumido que, integradamente, intervieram no processo produtivo ao longo do período de referência considerado, que é, neste caso, o ano agrícola. Simultaneamente, far-se-á o balanço de ganhos e perdas de valor do aparelho produtivo no mesmo período, já que foi este património acumulado, e eventualmente reforçado (no caso de ter havido investimentos nesse período), que possibilitou o volume de produção atingido.

Esta perspectiva não contempla a determinação do rendimento disponível do agregado doméstico do agricultor, que constituirá o objectivo do próximo capítulo.

Haverá que estabelecer duas sequências contáveis: a conta de exploração e a conta de capital, e ajustá-las ao presente objectivo. Recorde-se que a primeira identifica os resultados dos fluxos correntes; e a segunda regista as alterações do aparelho produtivo.

A conta de exploração incide sobre os fluxos correntes (Fig. 6-3) e "regista as operações de repartição que estão directamente ligadas ao processo de produção" (Eurostat, 1990a).

O Valor Acrescentado Bruto gerado no processo produtivo foi já calculado (cap. 6.4.1.3). Partindo-se desse valor, vai determinar-se como foram remunerados os factores produtivos (trabalho, terra e capital) que intervieram no processo produtivo.

O saldo final apurado na conta de exploração é o excedente líquido de exploração (ELE).

No caso presente, e uma vez que se pretende apurar os resultados referidos apenas aos recursos territoriais, optou-se por estabelecer uma "retribuição" ao trabalho familiar, atribuindo-lhe um valor. Esta simplificação, metodologicamente atrás anunciada, foi introduzida de

acordo com o critério então explicitado. A opção é tomada admitindo que o valor do trabalho familiar não se afasta dos valores reais pagos na região.

Não se pode esquecer, no entanto, que sendo o trabalho familiar considerado gratuito, no âmbito da respectiva exploração, o seu uso não obedece a qualquer regra de pendor económico. Submete-se ao ritmo de funcionamento dos afazeres globais da família no seu conjunto. O resultado levará certamente a uma certa sobrevalorização do trabalho familiar, uma vez que ele foi (e é) utilizado (e, desse modo, registado para as explorações estudadas) sem quaisquer preocupações relacionadas com uma eventual sobrecarga na estrutura de custos da exploração.

Assim sendo, e uma vez atribuída a remuneração apropriada ao trabalho, o excedente final apurado corresponderá exclusivamente à remuneração devida à terra e ao capital (Francisco, 1990), isto é, ao capital fundiário e ao capital de exploração, ou seja, ao capital total (Kt) em jogo no processo produtivo

O procedimento seguido na conta de exploração está indicado na Fig. 6-14.

6.4.2.1 A Margem Líquida de Exploração

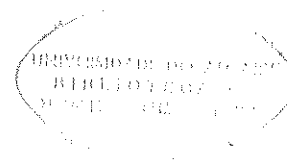
Pretendeu-se, numa primeira abordagem, determinar o saldo desta conta "sem intervenção" do Estado. Digamos que este primeiro apuramento pretende fazer o balanço entre, por um lado, o valor da Produção Bruta (PB) e, por outro, os custos totais suportados e que conduziram àquela PB. Estes custos totais abrangem o Consumo Intermédio (CI), o custo total da Mão-de-Obra (MO) e a Amortização do Capital (AK). O saldo encontrado será a Margem Líquida de Exploração (MLE) e corresponde ao excedente gerado pela exploração agrícola, ao longo do ano agrícola, numa situação que se admite não estar influenciada pelos principais mecanismos estatais de regulação do mercado (os impostos à produção e os subsídios de exploração).

Figura 6-9
 ESTRUTURA DOS COMPONENTES DA
 MARGEM LÍQUIDA DE EXPLORAÇÃO

EMPREGOS		SALDO	RECURSOS	
PRODUÇÃO INTERMÉDIA	CONSUMO INTERMÉDIO		PRODUÇÃO	PRODUÇÃO INTERMÉDIA
CONSUMO INTERMÉDIO EXTERNO				
	ENCARGOS COM O TRABALHO ASSALAR. (*)		BRUTA	PRODUÇÃO
	ENCARGOS COM O TRABALHO FAMILIAR (**)			
	AMORTIZAÇÕES	MARGEM LÍQUIDA DE EXPLORAÇÃO		FINAL

(*) encargos reais

(**) encargos atribuídos



Teremos então:

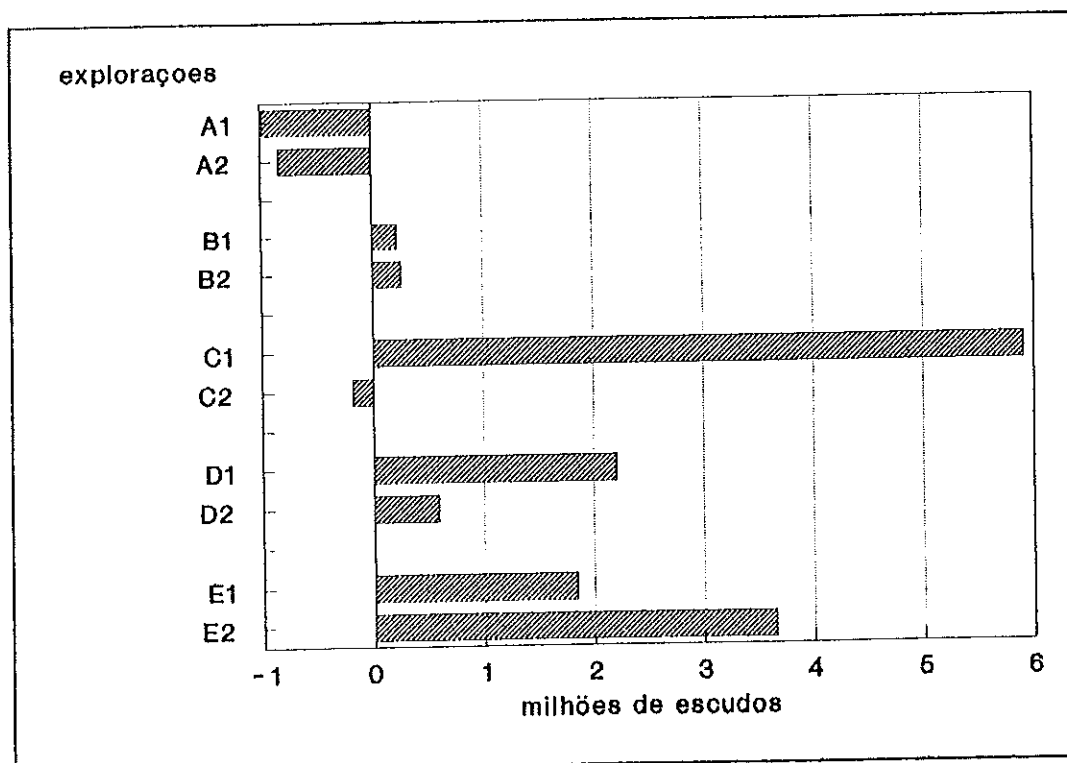
$$MLE = PB - (CI + MO + AC)$$

onde a mão-de-obra é, como vimos, calculada a partir dos seus dois componentes: familiar e assalariada. Ou seja:

$$MO = MO_f + MO_a$$

Analisando o Quadro 6-12, ressalta que a Margem Líquida de Exploração (MLE) é negativa na exploração da Serra e num dos anos observados para a exploração do Barrocal. Quer isto dizer que o processo produtivo, nas condições estabelecidas para a compensação do trabalho familiar, não gera um valor de produção capaz de remunerar positivamente o capital, provocando, nos casos apontados, um saldo negativo (Fig. 6-11).

Figura 6-11
MARGEM LÍQUIDA DE EXPLORAÇÃO
NAS EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS ESTUDADAS



Fonte: recolha própria

Recordem-se duas das premissas que estão por detrás desta conclusão. A primeira diz respeito à valorização do trabalho familiar, operação que tem os seus riscos em unidades produtivas com esta estrutura e para a qual dificilmente se encontrará melhor solução. Pode, inclusivamente, questionar-se se é legítimo, não obstante o trabalho familiar corresponder conceptualmente a um categoria bem precisa, inserida no ciclo produtivo, simular uma solução no que respeita à sua valorização monetária. A segunda premissa, relacionada embora com o problema de fundo atrás exposto, refere-se à sobrevalorização do trabalho familiar, pelas razões já apontadas e que poderá justificar alguns dos valores negativos ou mesmo os baixos valores positivos desta margem.

Quadro 6-12
MARGEM LÍQUIDA DE EXPLORAÇÃO
NAS EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS ESTUDADAS

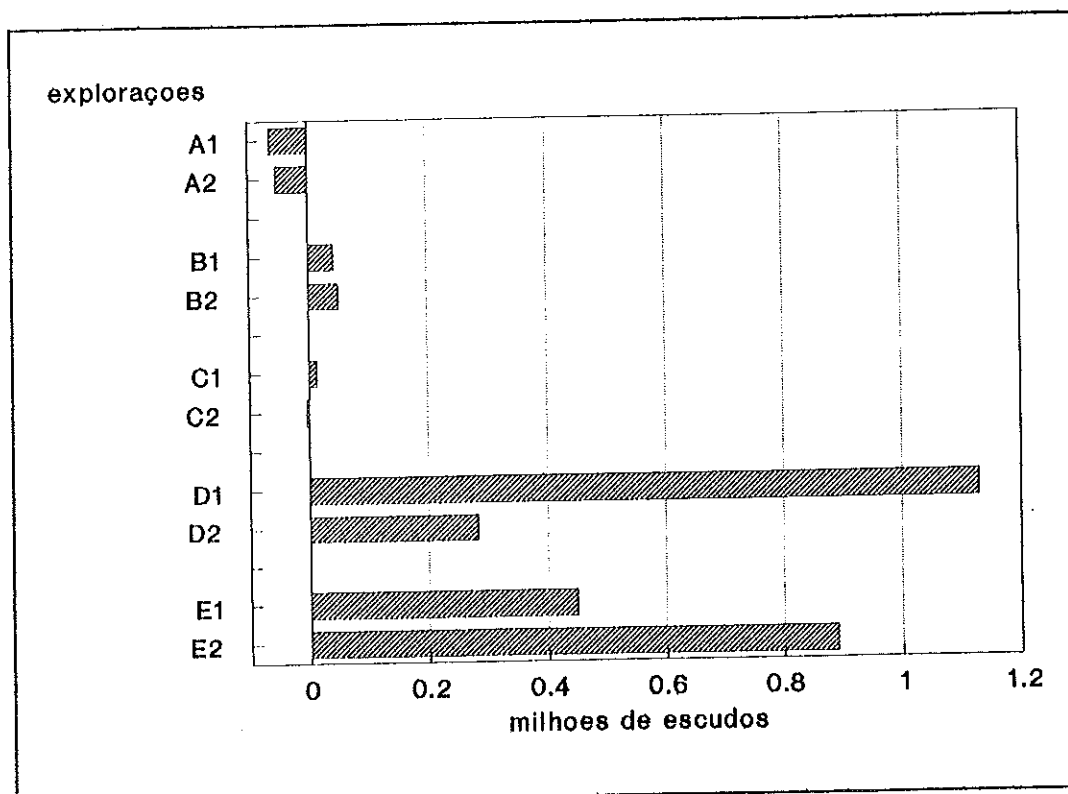
unidade: escudos

EXPLORAÇÃO	MLE	MLE / UHT	MLE / SAU
A1	- 985 552	- 339 846	- 63 502
A2	- 839 093	- 322 728	- 54 065
B1	222 799	222 799	42 357
B2	261 472	261 472	49 710
C1	590 720	537 018	12 980
C2	- 183 236	- 183 236	- 4 026
D1	2 203 325	478 984	1 129 910
D2	592 759	123 491	282 266
E1	1 844 028	2 305 035	449 763
E2	3 650 986	3 650 986	890 484

Fonte: recolha própria

De qualquer modo, define-se uma aproximação à capacidade de gerar excedentes exclusivamente através das respectivas estruturas produtivas. Os valores da MLE por unidade de SAU e por UHT (Fig.s 6-12 e 6-13) permitem uma melhor comparação entre as explorações estudadas.

Figura 6-12
**MARGEM LIQUIDA DE EXPLORAÇÃO POR UNIDADE
 DE SUPERFÍCIE AGRÍCOLA UTILIZADA**

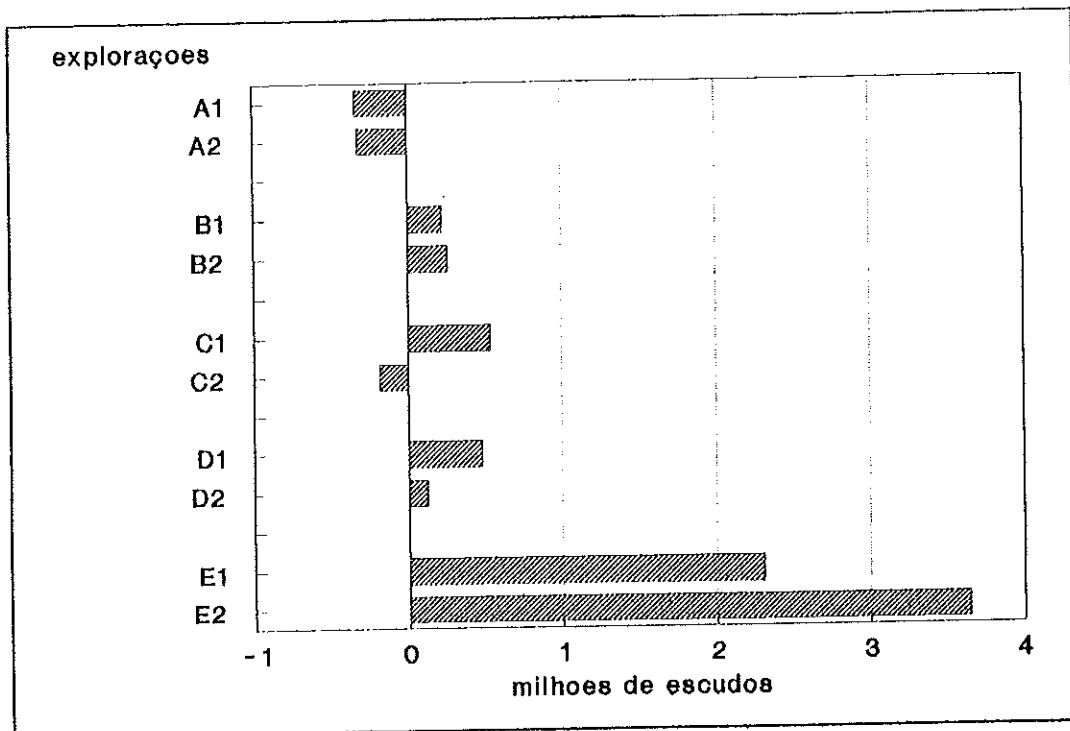


Fonte: recolha própria

Os valores negativos da MLE/UHT não vão além de 350 contos/ano. Recorde-se que a remuneração atribuída ao trabalho familiar rondou 700 contos/UHT no primeiro ano e 850 contos/UHT no segundo, o que é manifestamente superior ao défice registado. A exploração do Litoral-citrinos (E) regista o mais elevado valor do indicador MLE/UHT, enquanto que o maior valor da MLE/SAU é partilhado pelas duas explorações do Litoral (D e E).

Sem intervenção do Estado, os resultados parecem traduzir uma situação com algum desequilíbrio. Vejamos como se comportam as explorações estudadas, desta vez com intervenção do Estado. Recorde-se que esta intervenção abrange tão só os principais mecanismos que afectam directamente a exploração agrícola: os impostos à produção e os subsídios de exploração.

Figura 6-13
MARGEM LIQUIDA DE EXPLORAÇÃO POR
UNIDADE DE TRABALHO (UHT)



Fonte: recolha própria

6.4.2.2 O Excedente Líquido de Exploração (do capital)

Integrando aquelas duas parcelas, a análise aproximar-se-á um pouco mais da realidade. O resultado será, então, dado pelo Excedente Líquido de Exploração, do capital (ELEc) (Fig. 6-14).

Convém relembrar que, neste caso, o ELE é atribuível apenas ao capital (capital fundiário e capital de exploração). Na verdade, foi considerada previamente uma retribuição apropriada ao trabalho, tanto assalariado como familiar. O excedente assim determinado é o rendimento proporcionado exclusivamente pelo capital utilizado no processo produtivo. A expressão que traduz o seu cálculo é a seguinte:

$$ELEc = PB - CI - MO - AK + SU - IM$$

ou

$$ELEc = MLE + SU - IM$$

Figura 6-14
ESTRUTURA DA CONTA DE EXPLORAÇÃO

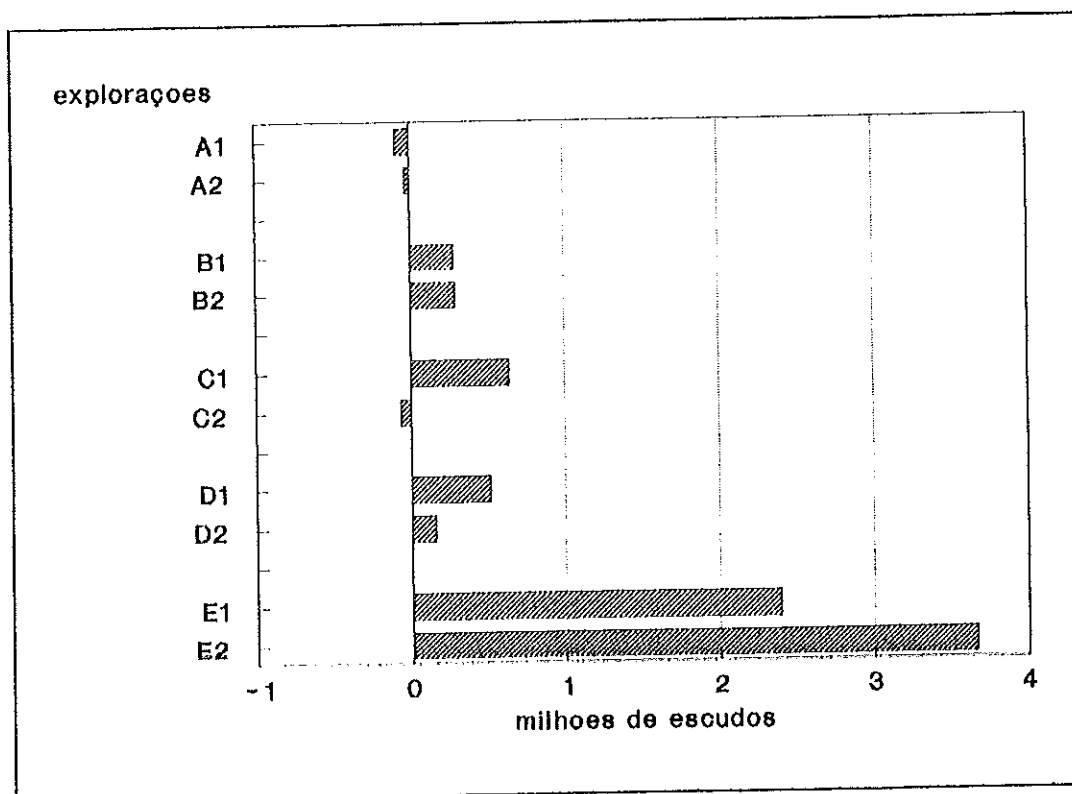
EMPREGOS		SALDO	RECURSOS	
PRODUÇÃO INTERMÉDIA	CONSUMO INTERMÉDIO		PRODUÇÃO BRUTA	PRODUÇÃO INTERMÉDIA
CONSUMO INTERMÉDIO				PRODUÇÃO FINAL
EXTERNO				
	ENCARGOS COM O TRABALHO ASSALAR. (*)			
	ENCARGOS COM O TRABALHO FAMILIAR (**)			
	AMORTIZAÇÕES			
	IMPOSTOS	EXCEDENTE LÍQUIDO DE EXPLORAÇÃO do capital	EXPLORAÇÃO	
			SUBSÍDIOS	
			À	

(*) encargos reais

(**) encargos atribuídos

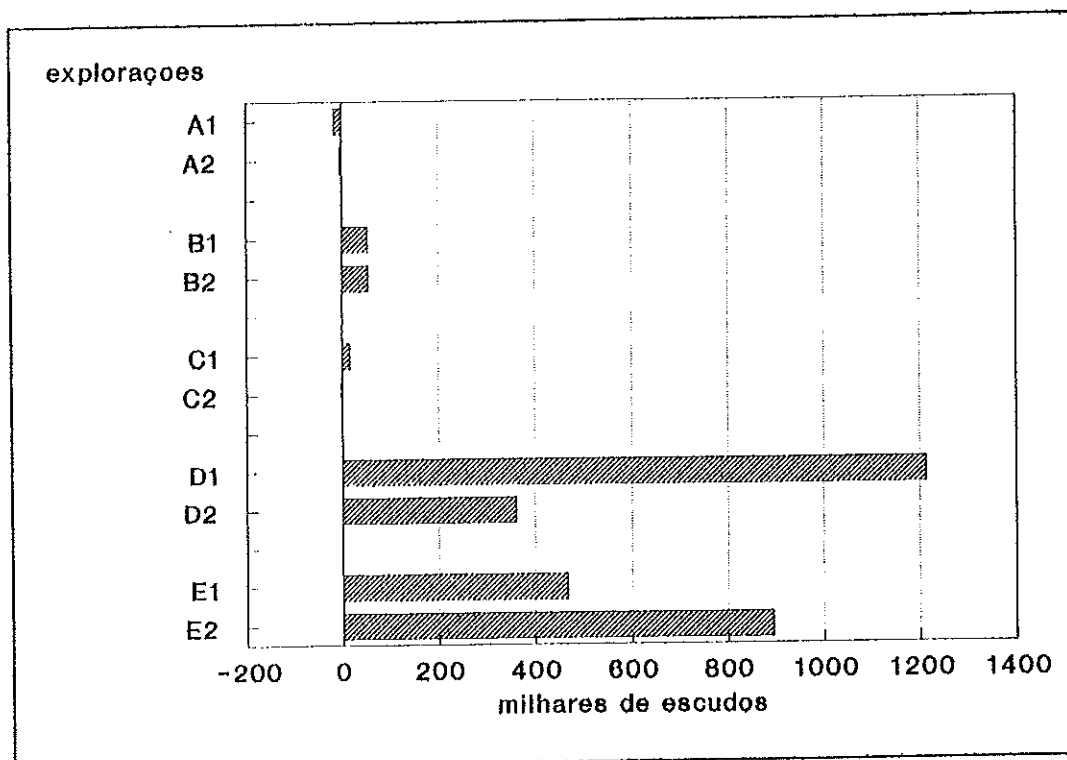
No Quadro 6-13 apresentam-se para o Excedente Líquido de Exploração os mesmos indicadores que foram calculados para a MLE. Verifica-se que, com a "intervenção" dos mecanismos do Estado, os valores foram moderados e as diferenças entre as explorações foram atenuadas (Fig.s 6-15 e 6-16).

Figura 6-15
EXCEDENTE LIQUIDO DE EXPLORAÇÃO DO
CAPITAL POR UNIDADE DE TRABALHO (UHT)
NAS EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS ESTUDADAS



Fonte: recolha própria

Figura 6-16
 EXCEDENTE LIQUIDO DE EXPLORAÇÃO DO
 CAPITAL, POR UNIDADE DE SUPERFÍCIE (SAU)
 NAS EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS ESTUDADAS



Fonte: recolha própria

Quadro 6-13
 EXCEDENTE LIQUIDO DE EXPLORAÇÃO DO CAPITAL
 NAS DIVERSAS EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS ESTUDADAS

unidade: escudos

EXPLORAÇÃO	ELEc	ELEc / UHT	ELEc / SAU
A1	- 262 987	- 90 685	- 16 945
A2	- 75 915	- 29 198	- 4 891
B1	281 698	281 698	53 555
B2	289 944	289 944	55 122
C1	705 615	641 468	15 505
C2	- 64 007	- 64 007	- 1 406
D1	2 367 756	514 730	1 214 234
D2	757 826	157 880	360 870
E1	1 913 968	2 392 460	466 822
E2	3 668 380	3 668 380	894 727

Fonte: recolha própria